

## A VARIAÇÃO MORFOSSINTÁTICA DO ARTIGO DEFINIDO NA CAPITAL CAPIXABA

Heitor da Silva Campos Júnior\*

**Resumo:** A finalidade deste estudo foi investigar, à luz da Sociolinguística Variacionista, a variação morfosintática ausência/presença de artigo definido antes de antropônimos e possessivos no Português falado na cidade de Vitória (ES), a fim de delimitar, em última instância, a tendência capixaba para esse aspecto morfosintático, estabelecendo-o como (um) traço de identidade linguística dentro do cenário nacional. Tomando como referência os trabalhos de Silva (1982, 1996a, 1996b) e Callou e Silva (1997), foram selecionadas para esta amostra vinte entrevistas realizadas pelo Projeto PORTVIX (Português falado na cidade de Vitória/ES) com 20 falantes capixabas. Em linhas gerais, os resultados apontam que, em termos de percentuais globais de uso do artigo, os capixabas da cidade de Vitória (ES) usam menos artigo do que outras regiões do país. Esse percentual foi de 39%, no contexto dos antropônimos, e 33% no contexto de pronomes possessivos. Destarte, a tendência à ausência do artigo definido parece configurar-se como uma marca identitária inconsciente na capital capixaba.

**Palavras-chave:** Sociolinguística Variacionista. Artigo definido. Capital capixaba.

**Abstract:** The purpose of this study was to investigate based on variational sociolinguistics, the morphosyntactic variation presence/absence of the definite article before the possessive and anthroponyms in the Portuguese spoken in the city of Vitória (ES) in order to delimit, ultimately, the capixaba trend for this morphosyntactic aspect, establishing it as (a) trace of linguistic identity within the national scene. Taking as reference Silva's study (1982, 1996a, 1996b) and Callou and Silva (1997), were selected for this sample twenty interviews conducted by the Project PORTVIX (Portuguese spoken in the city of Vitória/ES) with 20 speakers in Espírito Santo. In general, the results indicate that in terms of general percentage of using the article, the people from Vitória (ES) use less articles than other regions of the country. This percentage was 39% in the context of anthroponyms and 33% in the context of possessive pronouns. Thus, the tendency to the absence of the definite article seems to set itself an unconscious brand identity in the capital of the Espírito Santo state.

**keywords:** Variational Sociolinguistics. Definite article. Capixaba capital.

Estudos da Teoria da Variação têm evidenciado cada vez mais que a língua varia no espaço, no tempo e entre os grupos sociais de uma comunidade de fala. Diferentes motivações podem ser identificadas na origem de um fenômeno variável que se organiza em padrões estruturados. Nos últimos anos, a partir do grande empreendimento na pesquisa de dados do uso da língua, vislumbra-se um crescente aumento na compreensão dos fenômenos linguísticos variáveis e dos fatores internos e externos inerentes a eles.

Este trabalho, partindo dessa perspectiva, insere-se no âmbito dos estudos

---

\* Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Ciências Humanas e Naturais, UFES, Vitória, Espírito Santo, Brasil. heitorscj@gmail.com.

sociolinguísticos de vertente variacionista e visa contribuir para o melhor entendimento de fenômenos linguísticos variáveis, no caso particular desta pesquisa, a alternância entre o emprego ou não do artigo definido diante de nomes próprios de pessoa e pronomes possessivos, como em:

- (1) “... na casa *da minha* mãe que tem cachorro...”
- (2) “... era as irmã de Ø<sup>1</sup> meu pai...”
- (3) “... puxou o cabelo *da Suelen*...”
- (4) “... aquele negócio *de Ronaldinho*...”<sup>2</sup>

O artigo, grosso modo, tem recebido, nos compêndios gramaticais (INFANTE, 2001), uma abordagem reducionista, nos quais seu papel morfológico e sintático não o distingue essencialmente dos outros elementos também considerados como *determinantes*, assim como o seu papel semântico não é diferenciado de outros itens gramaticais que com ele compartilham da mesma função dentro da língua. Mesmo entre os gramáticos tradicionais (BECHARA, 2005; CINTRA; CUNHA, 2001; ROCHA LIMA, 2002) não há consenso cabal acerca do emprego do artigo e as orientações quanto ao uso, muitas vezes, soam superficiais e aleatórias. Além disso, tem se constatado que “o uso dos artigos definido e indefinido não se encaixa na definição de artigo encontrada nas gramáticas” (LIMA, 2006, p. 134).

Por se tratar de um fenômeno variável, diversos trabalhos (AMARAL, 2003; CALLOU; SILVA, 1997; CALLOU *et al.*, 2000; COSTA, 2002; SILVA, 1982, 1996a, 1996b) que tratam do artigo, especialmente a questão de sua ausência/presença diante de possessivos e nomes próprios, vêm estudando esse caso de variação morfossintática ao longo dos anos, entre os quais, se destacam como referência para este trabalho Silva (1982, 1996a, 1996b) e Callou e Silva (1997). Os resultados apresentados nesses estudos foram relevantes para esta pesquisa, pois, além de nos permitirem perceber os principais contextos favorecedores e desfavorecedores da presença do artigo diante de pronomes possessivos e nomes próprios, nos forneceram um panorama das tendências desse emprego em diferentes regiões do País.

Pretendeu-se, em última instância, a partir da abordagem variacionista, situar a fala

---

<sup>1</sup> O símbolo (Ø) é utilizado neste trabalho para chamar a atenção à eventual ausência do artigo definido em estruturas cuja alternância com sua presença é possível e realizável com o mesmo valor de verdade em situações reais de fala.

<sup>2</sup> Dados de fala retirados de entrevistas do Projeto *Português Falado na Cidade de Vitória* (PORTVIX), 2002. Vale mencionar que todos os exemplos utilizados neste trabalho, salvo quando expressamente informado o contrário, foram extraídos de entrevistas do referido Projeto, mais especificamente das 20 que compuseram o *corpus* da análise aqui apresentada.

capixaba no cenário nacional quanto a esse aspecto morfossintático, somando argumentos em favor de um projeto maior, conforme defendido por Yacovenco (2009)<sup>3</sup>: a integração do Espírito Santo à descrição das variedades brasileiras já pesquisadas.

Empreender um estudo variacionista significa entender a língua em uso por uma comunidade de fala, levando em consideração os contextos sócio-discursivos que cercam o fenômeno linguístico investigado. Nesse sentido, o presente estudo elegeu vinte entrevistas realizadas no ano de 2002 pelo Projeto *Português falado na cidade de Vitória* (PORTVIX) com 20 informantes capixabas, nascidos e residentes na cidade de Vitória (ES), com a seguinte configuração social:

QUADRO 1  
Distribuição social dos informantes que compõem o *corpus* da pesquisa

Idade	07-14		15-25		26-49		50-...		
	H	M	H	M	H	M	H	M	
<b>Quantidade de informantes por célula social</b>									
Ensino fundamental	1	1	1	1	1	1	1	1	= 08
Ensino médio	-	-	1	1	1	1	1	1	= 06
Ensino universitário	-	-	1	1	1	1	1	1	= 06
<b>Número total de informantes</b>									<b>= 20</b>

O Projeto PORTVIX, de acordo com Yacovenco (2002), foi implementado em março de 2000 para suprir uma lacuna nos estudos linguísticos empreendidos na capital capixaba: a cidade de Vitória (ES), fundada há mais de 450 anos, não possuía pesquisas sistemáticas de cunho sociolinguístico, o que se justificava, em certa medida, pela ausência de um banco de dados fundamentado em uma metodologia laboviana. A autora esclarece que este Projeto

[...] tenciona contribuir para a ampliação do rol de banco de dados sociolinguísticos existentes no Brasil, e, também, para uma modificação na postura dos professores de língua portuguesa no município, uma vez que se pretende revelar as diversas normas linguísticas existentes na cidade (YACOVENCO, 2002, p. 102).

Com o intuito de satisfazer os objetivos previamente postulados, validar as hipóteses traçadas e, sobretudo, captar, com efeito, o vernáculo em uso na comunidade capixaba, seguiram-se amplamente as orientações labovianas acerca da metodologia de coleta e tratamento de dados.

<sup>3</sup> YACOVENCO, Lilian Coutinho. *Em busca da identidade linguística capixaba*. Comunicação oral apresentada no ABRALIN EM CENA VITÓRIA, 2009.

Destarte, partindo dos dados coletados, foi possível dar tratamento estatístico aos mesmos. A realização de análises quantitativas é imprescindível em qualquer pesquisa que se oriente pela Sociolinguística Variacionista, porque

[...] possibilita o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento lingüístico e social e sua eventual relação com a mudança linguística. A variação linguística, entendida como alternância entre dois ou mais elementos lingüísticos, por sua própria natureza, não pode ser adequadamente descrita e analisada em termos categóricos ou estritamente qualitativos (GUY; ZILLES, 2007, p. 73).

Estudiosos da área, a esse respeito, chamam a atenção para o fato de que o programa estatístico é apenas um recurso para a manipulação dos dados e que os números não falam por si: “o progresso da ciência lingüística não está nos números em si, mas no que a análise dos números pode trazer para nosso entendimento das línguas humanas” (NARO, 2008, p. 25).

Yacovenco (2002, p. 107) corrobora nesse sentido, explicando que

A pesquisa lingüística baseia-se em dados controlados, que refletem a sistematicidade da estrutura lingüística e evita a análise de casos isolados, e se fundamenta, também, na quantificação dos dados, que decorre do pressuposto de que o uso de determinada forma lingüística reflete diferentes atualizações das regras variáveis.

Em suma, a análise qualitativa e quantitativa do fenômeno variável em questão se orientou pela operacionalização das hipóteses levantadas e, por conseguinte, pelos grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos considerados. Por outras palavras, os grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos definidos nos permitiram buscar explicações para a diferença entre a presença e a ausência do artigo perquirida nos contextos mencionados.

Os principais resultados obtidos por meio do tratamento estatístico dos dados no Programa VARBRUL (SANKOFF, SMITH, TAGLIAMONTE, 2005) foram gerados em rodadas separadas para os dois contextos, já que, a despeito do forte paralelismo que parece atuar sobre ambos, cada um apresenta peculiaridades que só poderiam ser contempladas satisfatoriamente com o controle de grupos de fatores específicos. Para ambos, vale reiterar, a variável dependente foi a variação morfossintática ausência/presença de artigo definido.

Em linhas gerais, os resultados apontam que, em termos de percentuais globais de uso do artigo, os capixabas da cidade de Vitória (ES) usam menos artigo do que outras regiões do país. Esse percentual foi de 39%, no contexto dos antropônimos, e 33% no contexto de pronomes possessivos, o que alinharia a capital do Espírito Santo, no contexto dos

antropônimos, com o Rio de Janeiro (43%). Por outro lado, no contexto do possessivo, não haveria comparação razoável, haja vista que estaria consideravelmente afastada das demais capitais brasileiras inventariadas até o momento: as cidades de Recife e Salvador, que apresentam os menores índices, estão na casa dos 60% contra apenas 33% da capital capixaba. Essa comparação fica mais evidente nas TAB. 1 e 2:

TABELA 1  
Realização do artigo definido diante de antropônimos de acordo com a origem geográfica

	VIX	BH	RE	SSA	RJ	SP	POA
<b>Freq.</b>	118/300	–	12/71	10/24	27/85	20/23	50/63
<b>(%)</b>	(39)	(76)	(17)	(32)	(43)	(87)	(79)

Fonte: PORTVIX, 2002; CALLOU; SILVA, 1997; MOISÉS, 1995.<sup>4</sup>

Na TAB.1, como se pode ver, as cidades de Belo Horizonte (MG), São Paulo (SP) e Porto Alegre (RS) são as que apresentam a maior frequência de uso do artigo definido diante de antropônimos. Em sentido contrário, Recife (PE) e Salvador (BA), ao lado de Vitória (ES) e do Rio de Janeiro (RJ), são as capitais brasileiras que apresentam o menor índice neste contexto. Estas diferenças podem ser melhor visualizadas no GRAF. 1:

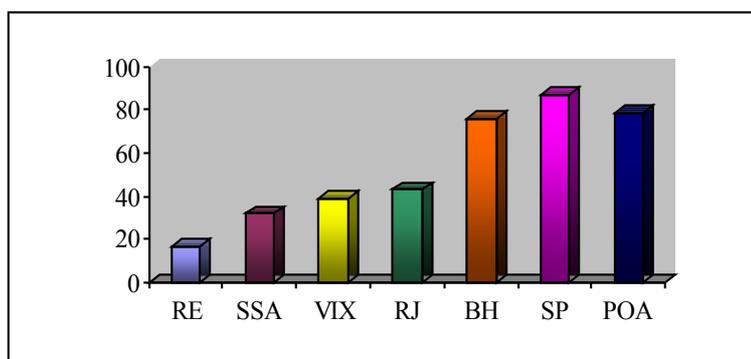


GRÁFICO 1 - Realização do artigo definido diante de antropônimos de acordo com a origem geográfica (%)

Fonte: PORTVIX, 2002; CALLOU; SILVA, 1997; MOISÉS, 1995.

Vale destacar que outras pesquisas (ALVES, 2008; AMARAL, 2003; MENDES, 2009) sobre o tema foram inventariadas, mas preferimos não incorporá-las na TAB. 1, porque foram realizadas em pequenas comunidades rurais e os diferentes parâmetros de análise geraram resultados diversos. Portanto, não seria adequado cotejá-los com os dados das

<sup>4</sup> A frequência relativa a Vitória (VIX) é oriunda desta pesquisa. Os resultados de Belo Horizonte (BH) são de Moisés (1995). As cinco capitais restantes, conforme apresentado anteriormente, foram estudadas por Callou e Silva (1997).

capitais.

No que atine ao contexto dos possessivos, conforme se pode verificar na TAB. 2, grosso modo, todas as capitais brasileiras inventariadas até o momento apresentam um padrão geral de maior uso do artigo definido. Na contramão dessa tendência, os capixabas destoam, apresentando uma inclinação à ausência de artigo definido diante de possessivos.

TABELA 2  
Realização do artigo definido diante de possessivos de acordo com a origem geográfica

	VIX	RE	SSA	RJ	SP	POA
<b>Freq.</b>	331/1016	59/98	57/87	280/399	147/209	26/33
<b>(%)</b>	(33)	(60)	(66)	(70)	(70)	(79)

Fonte: PORTVIX, 2002; CALLOU; SILVA, 1997.

O GRAF. 2 ilustra de forma mais clara esta distinção:

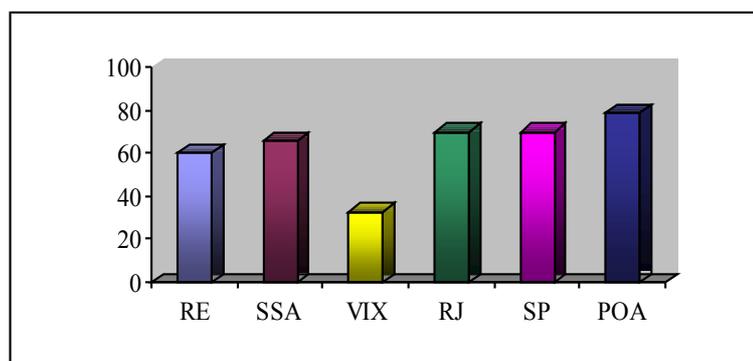


GRÁFICO 2 - Realização do artigo definido diante de possessivos de acordo com a origem geográfica (%)

Fonte: PORTVIX, 2002; CALLOU; SILVA, 1997.

Cumprir mencionar que Nazário (2007)<sup>5</sup> registra uso semelhante ao da capital capixaba em quatro comunidades rurais do estado de Goiás (GO): Almeidas, Pombal, Faz Tudo e Acaba Vida, e Traíras. O percentual de aplicação do artigo diante de possessivos, nessas comunidades, não chegou a 38%. A autora atribuiu este baixo índice ao conservadorismo típico dessas comunidades, que é intensificado pelo isolamento geográfico e cultural.

Na capital capixaba, embora tenhamos assumido que parece haver certo conservadorismo linguístico, a razão pela preferência ao não-uso do artigo definido, tanto diante de antropônimos como possessivos, teria outra motivação: marcar um traço identitário, ainda que inconscientemente. A nossa hipótese é que o nativo de Vitória (ES) tem utilizado a

<sup>5</sup> Ao contrário do que foi arguido anteriormente no contexto dos antropônimos, levamos em consideração esse estudo, que investigou apenas comunidades rurais, por ter utilizado uma metodologia mais próxima deste trabalho.

língua como um recurso a mais na busca da manutenção de sua identidade, tão fragilizada ao longo de sua história. Primeiro, por décadas de descaso socioeconômico. Segundo – e principalmente – como retorno da reviravolta que a economia local sofreu, pela grande invasão de pessoas oriundas de outros estados, conforme sugerido no capítulo 2.

Alguns trabalhos regionais com dados do Espírito Santo têm sido empreendidos e revelado que, de fato, o capixaba tem alguns traços que o distingue dos demais invasores, como os mineiros. Calmon (2010), em seu estudo sobre a variação pronominal de 2ª pessoa em Vitória (ES), constatou o elevado favorecimento da forma *você* (75%) em detrimento das formas *cê* (24%) e *ocê* (1%). A autora atribuiu este resultado a um movimento identitário. Segundo ela, os falantes de Vitória (ES) estariam intensificando, mesmo que inconscientemente, o uso de *você* como forma de afirmação social e cultural, como se tivessem a intenção de se diferenciarem linguisticamente dos mineiros<sup>6</sup>, que chegam às praias de Vitória (ES) na estação de veraneio ou que vêm morar no município.

Destarte, comungamos da hipótese de Calmon (2010) quando afirma que, em Vitória (ES), temos um movimento similar ao identificado por Labov (2008) na década de 60 na ilha de Martha's Vineyard, situada no estado de Massachussets (EUA). Nesse estudo, Labov (2008) investigou o processo de centralização dos ditongos (ay) e (aw), que seguia um movimento de mudança contrário ao das demais regiões do estado.

A partir de uma série de testes, Labov (2008) percebeu que a explicação dessa mudança sonora só seria possível em função do entendimento das forças sociais que afetavam mais profundamente a vida da ilha. Assim, o autor concluiu que a alta centralização de (ay) e (aw) estava intimamente correlacionada a expressões de grande resistência às incursões dos veranistas, já que os vineyardenses resistiam às influências dos veranistas, que estavam dominando economicamente a ilha. Em suma, Labov (2008) constatou que as diferenças fonéticas se tornavam cada vez mais marcadas à medida que o grupo lutava por manter sua identidade. Cumpre mencionar que tanto em Martha's Vineyard como em Vitória (ES), temos um caso de variação linguística abaixo do nível da consciência.

Essa comparação entre Vitória (ES) e Martha's Vineyard, embora careça de melhor fundamentação, é minimamente interessante. Vale destacar que apenas o estudo mais aprofundado da história local, bem como do seu contexto socioeconômico, acompanhado de testes de reação subjetiva etc., permitirá, em pesquisa ulterior, validar ou refutar esta hipótese. Por ora, nos deteremos na análise dos resultados obtidos a partir do tratamento estatístico dos dados.

---

<sup>6</sup> Vale ressaltar que a forma pronominal preferida pelos mineiros no contexto de 2ª pessoa é a forma *cê* (RAMOS, 1997; COELHO, 1999; GONÇALVES, 2008, *apud* CALMON, 2010).

Na primeira etapa de testes, que diz respeito aos antropônimos, num conjunto total de 300 ocorrências e um percentual global de aplicação do artigo definido em torno de 39%, o programa apontou quatro grupos como sendo os mais significativos do ponto de vista probabilístico, na seguinte ordem de seleção: *gênero do antropônimo*, *traços supra-segmentais*, *faixa etária* e *gênero do falante*.

É interessante notar como o percentual global de uso do artigo diante de antropônimos se revelou baixo (39%), o que corroborou nossa intuição de que a comunidade de fala capixaba em análise tenderia a usar pouco artigo nesse contexto.

O gênero se mostrou duplamente relevante nesta amostra: o *gênero do antropônimo*, selecionado em primeiro lugar, e o *gênero do falante*, selecionado em quarto lugar. Sobre o *gênero do antropônimo*, como se pode ver na TAB. 3, apesar de não termos distinções polarizadas, parece que o capixaba da capital do Estado tende levemente a usar mais artigo – quando usa – diante de nomes femininos do que de nomes masculinos, o que contraria nossa intuição impressionística inicial. Até o presente momento, vale dizer, não foram identificadas evidências que justificassem essa distinção.

TABELA 3  
Uso do artigo definido diante de antropônimos na cidade de Vitória (ES),  
de acordo com o gênero do antropônimo

Gênero do antropônimo	Frequência		Peso relativo
Masculino	78/206	38%	0,44
Feminino	40/94	43%	0,61
<b>TOTAL</b>	<b>118/300</b>	<b>39%</b>	

Fonte: PORTVIX, 2002.

Em relação ao gênero do falante, o resultado é inverso em termos de peso relativo quanto ao uso do artigo no nível da natureza do gênero: os homens usam mais artigo definido diante de antropônimos do que as mulheres, como consta na TAB. 4:

TABELA 4  
Uso do artigo definido diante de antropônimos na cidade de Vitória (ES),  
de acordo com o gênero do falante

Gênero do falante <sup>7</sup>	Frequência		Peso relativo
Homens	62/115	54%	0,62
Mulheres	56/185	30%	0,42
<b>TOTAL</b>	<b>118/300</b>	<b>39%</b>	

<sup>7</sup> Embora haja na literatura sociolinguística uma preferência pelos termos *masculino* e *feminino* quando nomeamos a categoria *gênero* em oposição a *homens* e *mulheres* para designar simplesmente o sexo biológico, aqui não tomamos parte nesta discussão e adotamos estes últimos termos apenas para diferenciá-los do gênero do antropônimo, o que permite uma melhor visualização gráfica.

No caso do gênero do falante, podemos inferir que os resultados apontam e corroboram duas hipóteses. A primeira é que as mulheres são mais conservadoras, já que consideramos que o padrão da comunidade capixaba é a tendência à ausência do artigo definido neste contexto. A segunda hipótese, conforme aventada por Callou e Silva (1997, p. 22), refere-se ao fato de o uso do artigo ser menos frequente em comunidades cuja colonização foi mais antiga, já que o percentual global de aplicação do artigo não chegou a 40%. Talvez seja possível afirmar que a ausência do artigo seria um traço arcaizante e, mesmo que inconscientemente, propagado pelas mulheres.

Todavia, a questão que mais nos intrigou foi entender como um fenômeno linguístico variável que não é objeto de estigma social pôde apresentar resultados sociais tão contundentes. Por ora, podemos propor duas linhas de análise. Com esta amostra, a primeira interpretação seria que esses resultados poderiam estar atrelados a uma questão de ordem maior: o processo de mudança linguística. Essa proposição fica mais latente quando observamos, isoladamente, os resultados do grupo *faixa etária*, dispostos na TAB. 5:

TABELA 5  
Uso do artigo definido diante de antropônimos na cidade de Vitória (ES), de acordo com a faixa etária

<b>Faixa etária</b>	<b>Frequência</b>		<b>Peso relativo</b>
07-14 anos	22/40	55%	0,54
15-25 anos	56/103	54%	0,67
26-49 anos	20/59	34%	0,38
50 anos em diante	20/98	20%	0,36
<b>TOTAL</b>	<b>118/300</b>	<b>39%</b>	

Fonte: PORTVIX, 2002.

Labov (1994) chama a atenção para alguns aspectos que devem ser considerados em estudos de mudança em progresso. Embora não tenhamos codificado todo o *corpus* PORTVIX, o que poderia nos permitir deduções mais consistentes, o fato é que, no fenômeno em análise, o comportamento do grupo *faixa etária* aponta indícios de um processo de mudança linguística e reclama alguma consideração nesse âmbito. De acordo com Labov (1994, p. 45-46),

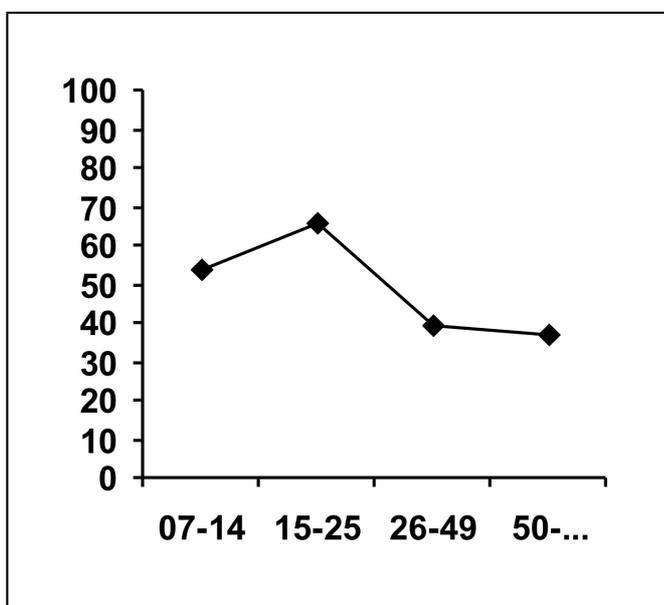
A primeira e mais simples abordagem para estudar a mudança linguística em progresso é traçar a mudança no tempo aparente, isto é, a distribuição das variáveis linguísticas entre os diferentes níveis de idade. Se nós descobrirmos uma relação uniforme

entre idade e variáveis lingüísticas, ou uma correlação significativa entre as duas, então a questão é decidir se estamos lidando com uma verdadeira mudança em progresso ou com gradação etária (Hockett 1950), uma mudança regular de comportamento lingüístico com idade que se repete em cada geração.<sup>8</sup>

Decidir se estamos lidando com um caso de mudança em progresso ou uma simples mudança regular relacionada à idade, nos termos labovianos, não foi uma ostentação válida nesta pesquisa, dado que não dispomos do intervalo de tempo necessário para empreender uma análise em tempo real. De qualquer modo, esta análise em tempo aparente nos permitiu fazer algumas inferências. É interessante apontar, por exemplo, como os resultados encontrados se alinham à suposição de Labov (1994, p. 47) sobre o papel do grupo de falantes mais jovens no processo de mudança linguística: os adolescentes e pré-adolescentes estariam na vanguarda do processo.

Essa asserção do autor é fundamentada em seu próprio estudo em Nova York (1966), em que constatou que a elevação de (eh) na palavra *man* e (oh) em *lost* estava mais avançada no grupo de falantes mais jovens, de 08 a 19 anos, entre outros trabalhos (CEDERGREN, 1973; TRUDGILL, 1974, *apud* LABOV, 1994). O ponto mais interessante a ser observado no âmbito desta discussão, vale destacar, é que caso, em etapa ulterior da pesquisa, seja confirmado que se trata de uma mudança em progresso, será curioso constatar que os princípios de mudança linguística apontados por Labov (1994) no campo da fonologia podem ser aplicados em fenômenos morfossintáticos, como é o caso deste estudo.

Nessa perspectiva, pode-se observar que no GRAF. 3, esboço dos resultados encontrados para o grupo *faixa etária* no contexto dos antropônimos, temos reproduzido o que Labov (1994, p. 65) denomina como a *curva em forma de S*.



<sup>8</sup> *The first and most straightforward approach to studying linguistic change in progress is to trace change in apparent time: that is, the distribution of linguistic variables across age levels. If we discover a monotonic relationship between age and linguistic variable, or a significant correlation between the two, then the issue is to decide whether we are dealing with a true change in progress or with age-grading (Hockett 1950), a regular change of linguistic behavior with age that repeats in each generation.*

GRÁFICO 3 - Uso do artigo definido diante de antropônimos na cidade de Vitória (ES), de acordo com a faixa etária

Fonte: PORTVIX, 2002.

Segundo Labov (1994, p. 65), a ascensão e queda dos coeficientes de idade refletem a observação geral de que as mudanças sonoras começam em um ritmo lento, depois avançam rapidamente no meio do percurso e mitigam em seus últimos estágios. Destarte, a taxa de mudança perfaz uma curva em forma de *S* ou ogiva<sup>9</sup> a partir de frequências cumulativas de uma distribuição binomial. A esse respeito, o autor ainda esclarece que distribuições como esta

[...] descrevem a competição entre duas formas instáveis e podem ser geradas por um modelo no qual a probabilidade de contato entre as duas governa a taxa de mudança. Se seguirmos Bloomfield (1933: 46) na construção de um mapa de todas as trocas linguísticas que ocorrem em uma comunidade, então a probabilidade global de uma troca envolvendo as duas formas é baixa no início da mudança, máxima no ponto médio e mínima no final<sup>10</sup> (LABOV, 1994, p. 66).

Portanto, vale reiterar que, embora as colocações de Labov (1994) estejam circunscritas em torno de processos de mudança sonora (estritamente), seus pressupostos se encaixam sistematicamente na variação morfossintática em análise neste estudo, o que sinaliza a possibilidade de se tratar, em uma instância maior de análise, de um caso de mudança linguística em progresso.

Caso esta hipótese venha a se confirmar em estudos posteriores, teríamos de assumir que o capixaba estaria em fase de aquisição do artigo definido no contexto dos antropônimos. Contudo, esta suposição não parece pertinente na medida em que registramos uma taxa percentual de uso inferior a 50%. Inclusive, a faixa etária 1 apresenta um índice próximo da neutralidade.

Outra hipótese, então, que pode ser considerada em função da configuração destes resultados – e que igualmente poderá ser revista em pesquisa ulterior com a análise de toda a amostra PORTVIX – é que estaríamos lidando com um caso de gradação etária, isto é, um comportamento de uso linguístico regular que se repete nos segmentos etários a cada geração (LABOV 1994, p. 46). Mendes (2000, p. 149), em seu estudo sobre o uso do artigo definido diante de antropônimos na fala dos habitantes de Barra longa (MG), aceita esta hipótese ao concluir que “a língua pretérita e a língua oral do português contemporâneo desta comunidade

<sup>9</sup> Conforme o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009), o termo *ogiva*, no campo da estatística, diz respeito ao gráfico que apresenta a frequência acumulada.

<sup>10</sup> *Such distributions describe the unstable competition between two forms, and can be generated by a model in which the probability of contact between the two governs the rate of change. If we follow Bloomfield (1933: 46) in constructing a map of all the speech exchanges that take place in a community, then the overall probability of an exchange involving the two forms is low at the beginning of the change, maximal at midpoint, and minimal at the end.*

retiveram uma estrutura pretérita da língua latina”, que seria a manutenção da ausência do artigo.

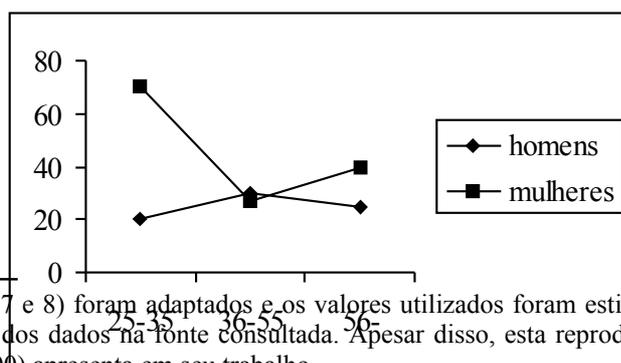
Os resultados encontrados por Silva (1987, *apud* CALLOU, 2000) com dados coletados há cerca de três décadas nos condicionam a pensar que a hipótese mais plausível seria a da gradação etária, já que tanto nos dados da fala não-culta do Rio de Janeiro (SILVA, 1987, *apud* CALLOU, 2000) como nos dados do Projeto PORTVIX, que datam do ano de 2002, temos comportamento similar ao longo das faixas etárias:

TABELA 6  
Atuação da faixa etária sobre o gênero no uso do artigo definido diante de antropônimos:  
Rio de Janeiro (RJ) *versus* Vitória (ES)

Faixa etária	Rio de Janeiro (SILVA, 1996b)		Vitória (PORTVIX, 2002)	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
07-14	74% (432/581)	64% (287/448)	75% (18/24)	25% (04/16)
15-25	73% (54/74)	73% (92/126)	52% (24/46)	56% (32/57)
26-49	70% (130/185)	79% (98/124)	32% (10/31)	36% (10/28)
50-...	53% (102/191)	85% (112/132)	71% (10/14)	12% (10/84)

Fonte: SILVA, 1996b, p. 276; PORTVIX, 2002.

Como se pode observar na TAB. 6, os falantes da faixa intermediária de ambos os sexos apresentam um padrão de uso semelhante, enquanto os falantes das duas faixas extremas divergem. O diferencial maior entre este trabalho e o de Silva (1987, *apud* CALLOU, 2000, 1996b) é que enquanto as mulheres mais velhas empregam mais artigos do que os homens em sua pesquisa, neste trabalho, tanto os homens mais velhos como os mais jovens utilizam mais artigo do que os seus pares femininos. Além disso, conforme registra Callou (2000), esse padrão geral de convergência na faixa média, e de distinção nas faixas extremas, se repete nas cinco capitais brasileiras do Projeto NURC (Projeto da Norma Urbana Oral Culta), como se pode ver no GRAF. 4<sup>11</sup>:



<sup>11</sup> Estes gráficos (4, 5, 6, 7 e 8) foram adaptados e os valores utilizados foram estimados, uma vez que não há detalhamento numérico dos dados na fonte consultada. Apesar disso, esta reprodução reflete globalmente os gráficos que Callou (2000) apresenta em seu trabalho.

De acordo com Callou (2000, p. 23), “observando-se as curvas das frequências de uso do artigo frente a nomes próprios, por mulheres e homens, nota-se que caminham no sentido inverso, embora ambas apresentem o mesmo padrão curvilíneo, característico, em geral, de variação estável”. É preciso salientar que este cotejo deve ser feito com cautela e ressalvas. Primeiro, porque a própria divisão etária foi diferente: enquanto neste trabalho e no de Silva (1987, 1996b) consideraram-se 4 faixas, no de Callou (2000) foram utilizadas apenas três, como se pode constatar no GRAF. 4. Em segundo lugar, os dados de Callou (2000), oriundos do Projeto NURC, são apenas de falantes universitários.

Retomando os dados da comunidade capixaba, poderíamos argumentar, por esta linha, como previsto na literatura sociolinguística, que as mulheres, sobretudo as da última faixa etária, seriam as difusoras dessa preferência local pelo não-uso do artigo definido junto aos antropônimos, já que, normalmente, são as responsáveis pela educação dos filhos. A maior frequência desse uso nas faixas etárias mais jovens, então, poderia ser justificada por influência de forças externas, como a pressão do mercado profissional e o efeito dos anos de escolarização, sobretudo entre os falantes de 15 a 25 anos, já que há uma tendência ao aumento do uso do artigo conforme a elevação do grau de escolaridade. A faixa etária de 07 a 14 anos, por seu turno, sendo instável, estaria oscilando. Contudo, ainda permanecem obscuras as razões que distanciariam o comportamento masculino do feminino entre os diferentes níveis etários.

Em suma, só a codificação de toda a amostra PORTVIX em uma futura pesquisa nos permitirá conclusões mais consistentes. O fato é que, caso este padrão fornecido pela análise estatística permaneça, teremos de refinar e elencar outras variáveis que possam lançar novas perspectivas para o entendimento do fenômeno em pauta. Por ora, chegamos à mesma conclusão de Silva (1996b, p. 278): “É inexplicável este comportamento invertido entre os dois sexos”.

Nesse ponto, é interessante notar como os princípios postulados por Labov (1990) para a diferenciação linguística entre homens e mulheres, a partir de mais de 30 anos de pesquisa sociolinguística – como exaltou Cheshire (2003) – não puderam ser aplicados no fenômeno em análise. Em síntese, nós temos dois princípios nucleares que são sumarizados por Labov (1990, p. 210-215) como *change from above* e *change from below*. No primeiro caso (*change*

*from above*), isto é, mudanças que envolvem fenômenos que são objeto de avaliação social, as mulheres favoreceriam as formas de prestígio mais do que os homens. Por outro lado, nas mudanças vindas de baixo (*change from below*), ou seja, que estão abaixo do nível da consciência, as mulheres normalmente são as inovadoras. Este último é o caso do objeto de estudo desta pesquisa.

Entretanto, como pudemos observar, na comunidade capixaba, esse padrão parece ser inverso: os homens têm liderado o maior uso da forma “inovadora”, que seria a presença do artigo definido diante de antropônimos, já que a marca local seria a tendência ao não-uso do artigo. Assim, em consonância com Callou (2000, p. 22), observamos que, nesse âmbito, muitas questões continuam não esclarecidas, como a relação entre a fala de homens e mulheres numa comunidade de fala e a sua independência em relação a outras variáveis sociais. De qualquer forma, temos de ponderar esta ressalva, pois os estudos de Labov frequentemente se orientam na interseção entre classe social e demais variáveis sociais. Neste estudo, a classe socioeconômica dos falantes não foi controlada.

No que atine à variável selecionada em segundo lugar, *traços supra-segmentais*, verifica-se na TAB. 7 que, de fato, o ambiente prosódico parece ter papel relevante no condicionamento do uso do artigo definido diante de antropônimos.

TABELA 7  
Uso do artigo definido diante de antropônimos na cidade de Vitória (ES),  
de acordo com os traços supra-segmentais

Traços supra-segmentais	Frequência		Peso relativo
Pausa silenciosa	22/111	20%	0,29
Pausa preenchida	02/08	25%	0,41
Sequência contínua	84/168	50%	0,61
Alongamento	10/13	77%	0,78
<b>TOTAL</b>	<b>118/300</b>	<b>39%</b>	

Fonte: PORTVIX, 2002.

Corroborando os resultados apontados por Callou e Silva (1997, p. 22), a pausa realmente é o fator deste grupo que mais inibe a utilização do artigo. O uso do artigo parece ser favorecido em segmentos fonológicos ininterruptos.

No que concerne ao contexto dos pronomes possessivos, em um total de 1016 ocorrências e um percentual global de uso do artigo em torno de 33%, o programa selecionou os grupos *ausência/presença e tipo de preposição, tipo do possessivo e outras formas, natureza do possuído, nível de escolaridade e gênero do falante* como os mais significativos.

Interessante notar que o percentual global de uso do artigo diante de possessivos é similar ao percentual identificado no contexto dos antropônimos (39%).

Nesses resultados, nos interessou em particular o comportamento das variáveis sociais: *nível de escolaridade* e *gênero*. Embora as diferenças entre as frequências percentuais e os pesos relativos não sejam drásticas, verifica-se na TAB. 8 que os falantes de nível médio lideram o uso do artigo, assim como constatado em Silva (1982, 1996b).

TABELA 8  
Uso do artigo definido diante de possessivos na cidade de Vitória (ES),  
de acordo com o nível de escolaridade

Nível de escolaridade	Frequência		Peso relativo
Ensino Fundamental	140/507	28%	0,48
Ensino Médio	98/256	38%	0,59
Ensino Universitário	93/253	37%	0,43
<b>TOTAL</b>	<b>331/1016</b>	<b>33%</b>	

Fonte: PORTVIX, 2002.

Em relação ao gênero, temos um resultado também convergente com a pesquisa de Silva (1996b) em termos de frequência de uso. Como se pode observar na TAB. 9, embora tenha sido selecionado nesta pesquisa, o gênero, por si só, não atuou de modo expressivo.

TABELA 9  
Uso do artigo definido diante de possessivos na cidade de Vitória (ES),  
de acordo com o gênero do falante

Gênero do falante	Frequência		Peso relativo
Homens	123/391	31%	0,44
Mulheres	208/625	33%	0,53
<b>TOTAL</b>	<b>331/1016</b>	<b>33%</b>	

Fonte: PORTVIX, 2002.

Neste caso, o princípio *change from below* de LABOV (1990), ao contrário do constatado no contexto dos antropônimos, seria pertinente: as mulheres estão utilizando mais a forma inovadora. E, caso estivéssemos lidando com um caso de mudança em progresso, estariam liderando o processo de aquisição. Contudo, é preciso salientar que, com estes dados, ainda não é possível levar a efeito estas suposições, sobretudo porque a taxa percentual de uso não chega a 50% em nenhuma das faixas etárias.

Sobre o efeito da escolarização no uso do artigo diante de possessivos é preciso abrir um parêntese. Estudos anteriores (SILVA, 1982, 1996b; NAZÁRIO, 2007), conforme já sugerido, destacam que existe uma relação significativa entre o nível de escolaridade e o uso do artigo

diante de possessivos: quanto maior a instrução escolar, maior o uso de artigo. Embora seja fato que também na comunidade capixaba esta variável tenha se mostrado significativa, tendo sido selecionada nas duas rodadas (com e sem preposições), é interessante notar que o papel desempenhado por ela neste estudo apresenta maiores restrições, sobretudo porque no nível mais alto de escolarização, ao contrário das outras pesquisas, há uma retenção deste uso.

Destarte, a despeito da influência dos anos de escolarização sobre o uso do artigo definido, a comunidade capixaba mantém a sua marca: favorecimento da ausência de artigo definido. Uma marca identitária, ainda que inconsciente. Ao contrário das referidas pesquisas, em que há o aumento gradativo de uso, em Vitória (ES), os falantes retêm esse avanço.

Os resultados encontrados, grosso modo, corroboram todas as hipóteses previamente levantadas na pesquisa: a tendência à ausência do artigo definido diante de antropônimos e possessivos pode se configurar com um traço de identidade linguística do capixaba; os casos em que os artigos são precedidos por preposições com as quais podem se contrair não são categóricos diante de antropônimos; e o percentual de uso do artigo na cidade de Vitória (ES) é bem menor do que o de outras capitais brasileiras de colonização posterior, como Porto Alegre, o que denota um aspecto linguístico conservador à capital capixaba.

A questão do movimento identitário que parece subsidiar a língua falada em Vitória (ES) é uma hipótese instigante e merece maior atenção em pesquisas ulteriores, assim como o entendimento acerca do processo de mudança linguística que, possivelmente, poderia estar ocorrendo. De qualquer modo, vale destacar que, independente da linha em que esteja a variação morfossintática ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos e possessivos na capital capixaba – mudança em progresso ou gradação etária – acreditamos que subjacente a este processo existe um movimento identitário relevante.

Por ora, nossa conclusão é que cada contexto manifesta um comportamento diferenciado e similar ao mesmo tempo: enquanto no contexto dos possessivos observamos um caso de retenção, considerando que a história do português nos mostra que a tendência nos últimos séculos foi o aumento gradativo de uso do artigo e Vitória (ES) não acompanhou esse padrão nacional, revelando uma baixa frequência de uso, no contexto dos antropônimos, apesar de haver uma taxa percentual de uso um pouco maior, visualizamos um quadro de gradação etária. Assim, em ambos os contextos, temos a marca identitária inconsciente: a tendência à ausência de artigo definido diante de antropônimos e possessivos.

## **Referências**

ALVES, Ana Paula Mendes. **Um estudo sociolinguístico da variação sintática ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na fala dos jovens de Barra Longa/MG que residem em Belo Horizonte**. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. **A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu**. 2003. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CALLOU, Dinah. **A variação no português do Brasil: o uso do artigo definido diante de antropônimos**. Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. (Série Conferências).

CALLOU, Dinah *et al.* Dinâmica do específico e do genérico: artigo definido e construções existenciais. **Veredas: Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora: Editora UFJF, v. 4, n. 2, p. 81-88, jul./dez. 2000.

CALLOU, Dinah; SILVA, Giselle M. Oliveira e. O uso do artigo definido em contextos específicos. In: HORA, Dermeval da (Org.). **Diversidade Linguística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997.

CALMON, Elba Nusa. **Ponte da passagem: você e cê transitando na fala de Vitória (ES)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Departamento de Línguas e Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: Parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística: domínio e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2008. v. 1.

CHESHIRE, Jenny. Sex and Gender in Variationist Research. In: **The Handbook of Language Variation and Change**. Cambridge: Blackwell, 2003.

CINTRA, Luís F. Lindley; CUNHA, Celso. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

COSTA, Iraneide. O uso do artigo definido diante de nome próprio de pessoa e possessivo do século XIII ao século XVI. In: SILVA, R. V. M. e; MACHADO FILHO, A. V. L. (Org.). **O português quinhentista: estudos linguísticos**. Salvador: EDUFBA/UEFS, 2002.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

INFANTE, Ulisses. **Curso de gramática aplicada aos textos**. São Paulo: Scipione, 2001.  
LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. **Principles of linguistic change: internal factors**. Cambridge: Blackwell, 1994.

\_\_\_\_\_. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. In: **Language Variation and Change**. USA: Cambridge University, 1990, p. 205-254.

LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira. O artigo sob uma perspectiva filosófica, gramatical e lingüística. In: LIMA, M. A. Ferreira; FROTA, Wander Nunes (Org.). **Phoros: Estudos Lingüísticos e Literários**. Rio de Janeiro: Caetés, 2006. v. 1.

MENDES, Soélis Teixeira do Prado. **A ausência de artigo definido antes de nomes próprios no português mineiro de Barra Longa: um caso de retenção?** 2000. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: FALE/UFMG.

MENDES, Andréia Almeida. **A ausência ou a presença de artigo definido diante de nomes próprios na fala dos moradores da zona rural de Abre Campo e Matipó – M.G.** 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MOISÉS, Juliana de Assis. **O “lugar” do artigo no discurso: considerações sobre o uso do artigo no português culto falado em Belo Horizonte.** 1995. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília (Org.). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2008.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília (Org.). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2008.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília (Org.). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2008.

NAZÁRIO, Maria de Lurdes. **Uso variável do artigo definido diante de pronome possessivo na variedade lingüística da comunidade de fala dos Almeidas.** 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática Normativa de Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

SANKOFF, David; SMITH, Eric; TAGLIAMONTE, Sali. **Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows.** Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Org.). **Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. Realização facultativa do artigo definido diante de possessivo e de patronímico. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Org.). **Padrões sociolingüísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996a.

\_\_\_\_\_. Emprego do artigo diante de possessivo e de patronímico: resultados sociais. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Org.). **Padrões sociolingüísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996b.

\_\_\_\_\_. **Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro**. 1982. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1982.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

YACOVENCO, Lilian Coutinho. O “Projeto falado na cidade de Vitória”: coleta de dados. In: YACOVENCO, Lilian Coutinho; LINS, Maria da Penha Pereira (Org.). **Caminhos em lingüística**. Vitória: NUPLES, 2002.